

**CRIATIVIDADE NA PESQUISA ACADÊMICA:  
MÉTODO-CAMINHO NA PERSPECTIVA DE UMA FENOMENOLOGIA  
COMPLEXA E TRANSDISCIPLINAR**

**CREATIVIDAD EN LA INVESTIGACIÓN ACADÉMICA: MÉTODO-CAMINO EN  
LA PERSPECTIVA DE UNA FENOMENOLOGÍA COMPLEJA Y  
TRANSDISCIPLINARIA**

**CREATIVITY IN ACADEMIC RESEARCH: METHOD-WAY IN VIEW OF A  
COMPLEX AND PHENOMENOLOGY TRANSDISCIPLINARY**

Olzeni Costa RIBEIRO<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo é fruto de reflexões extraídas de um projeto de pesquisa de doutorado, que teve por finalidade questionar as estruturas epistemológicas e teóricas de áreas que padecem dos efeitos da endogenia, propondo, como estratégia de abordagem do problema, explorar os componentes da criatividade na condução da metodologia. Trata-se de um texto reflexivo, de caráter teórico e que busca acercar-se do que podemos compreender como a expressão da criatividade do pesquisador aplicada ao conceito de método-caminho. A discussão segue seu fluxo tecendo uma abordagem centrada em pressupostos da fenomenologia, com suporte nas perspectivas complexa e transdisciplinar. Intenciona provocar e orientar pesquisadores a romper com a cultura do óbvio, da previsibilidade, resistindo à comodidade de seguir um conjunto de procedimentos padronizados que coíbem o pensamento e encurtam a visão. A partir das reflexões aqui propostas, sugerimos um modo de investigar que requer uma postura divergente, de abertura e de flexibilidade no desenvolvimento do método, atendendo e, ao mesmo tempo, não se permitindo restringir pelos critérios de rigor imprescindíveis ao trabalho científico. A proposta visa a estimular a adoção de uma metodologia crítica, mais reflexiva e menos instrumentalista, preocupando-se com o aprofundamento dos aspectos epistemológicos e teóricos do método.

**Palavras-chave:** Criatividade; Complexidade; Transdisciplinaridade; Fenomenologia.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB/DF/Brasil). Pesquisadora do Grupo de pesquisa Criatividade e Expertise. Autora do livro *Criatividade em uma perspectiva transdisciplinar: rompendo crenças, mitos e concepções*, juntamente com Maria Cândida Moraes, 1ª edição, UNESCO, 2014. olzeni.ribeiro@gmail.com

**RESUMEN:** El presente artículo es el resultado de reflexiones extraídas de un proyecto de investigación doctoral, cuyo objetivo era cuestionar las estructuras epistemológicas y teóricas de las áreas que sufren los efectos de la endogenia, proponiendo, como estrategia de abordaje del problema, explorar los componentes de la creatividad en la realización de la metodología. Es un texto de reflexión, de carácter teórico y busca acercarse a partir de lo que entendemos como la expresión de la creatividad del investigador aplicada al concepto de método-camino. La discusión sigue su flujo tejiendo un abordaje centrado en los presupuestos de la fenomenología, con apoyo a las perspectivas complejas y transdisciplinarias. Tiene la intención de provocar y guiar los investigadores a romper con la cultura del obvio, de la previsibilidad, resistiendo a la comodidad de seguir una serie de procedimientos estandarizados que cohiben el pensamiento y acortan la visión. A partir de las reflexiones que aquí se proponen, sugerimos una manera de investigar que requiere una postura divergente, de la apertura y de la flexibilidad en el desarrollo del método, atendiendo y, a la vez, no permitiéndose restringir a los criterios de rigor imprescindibles al trabajo científico. La propuesta apunta a estimular la adopción de una metodología crítica, más reflexiva y menos instrumentalista, preocupada por la profundización de los aspectos epistemológicos y teóricos del método.

**Palabras-clave:** Creatividad. Complejidad. Transdisciplinariedad. Fenomenología.

**ABSTRACT:** This article is the result of reflections drawn from a doctoral research project, which aimed to question the epistemological and theoretical frameworks of areas suffering the effects of inbreeding, proposing, as an approach strategy of the problem, explore the components of creativity in the conduct of the methodology. It is a reflective text, theoretical character and seeks to approach from what we understand as the expression of the creativity researcher applied the concept of method-way. The discussion follows its flow weaving an approach based on assumptions of phenomenology, supporting the complex and transdisciplinary perspectives. Intends to lead and guide researchers to break with the obvious culture, predictability, resisting the convenience of following a set of standardized procedures to restrain thought and shorten the vision. From the reflections proposed here, we suggest a way to investigate that requires a divergent attitude of openness and flexibility in method development, meeting and at the same time, not allowing restrict the criteria of rigor essential to scientific work. The proposal aims to stimulate the adoption of a critical methodology, more reflective and less instrumentalist, concerned with the deepening of the epistemological and theoretical aspects of the method.

**Key-words:** Creativity. Complexity. Transdisciplinarity. Phenomenology.

## Introdução

O método é sempre uma perspectiva de onde se parte, a qual permite pressentir a chegada a algum lugar. [...] Embora não possa ser exclusivamente antes do caminho, ele aponta sua direção (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 27).

Existem dois estilos comumente incorporados pelos pesquisadores, no momento das escolhas metodológicas: adotar uma posição reflexiva ou instrumentalista frente ao método. A reflexiva é a mais indicada, porque demonstra coerência com os pressupostos da pesquisa qualitativa, evitando que o pesquisador se restrinja à dimensão prática da pesquisa e enfatize apenas as técnicas e procedimentos, sem a devida fundamentação teórica (GONZÁLEZ REY, 2005). Em contrapartida, o estilo instrumentalista induz-nos a negligenciar os processos que “caracterizam a produção do conhecimento” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 3) e os meios que possibilitam encontrar novos caminhos para produzirmos o conhecimento.

O autor De Miguel (1988, p. 76) nos orienta para a necessidade de “familiarizar-nos com os novos caminhos na busca de conhecimento” e sermos “coerentes” com os meios de realizar essa busca. Adotar novos caminhos requer ousadia para investir em perspectivas mais criativas, o que, por sua vez, requer abdicarmos da ênfase sobre o instrumentalismo e adotarmos a postura reflexiva. Esta percepção sustenta-se no apelo deste autor, quando ele nos recomenda o cuidado de realizarmos “uma reflexão maior sobre o sentido do que fazemos, os procedimentos que utilizamos e a utilidade que nos oferecem” (DE MIGUEL, 1988, p. 76),

González Rey (2005, p. 8) reforça essa percepção e enfatiza que “tomar o novo como uma nova forma de saber preexistente é castrá-lo no que tem de novidade”. O autor nos chama a atenção para a abertura necessária aos “novos caminhos” fazendo uma crítica aos procedimentos metodológicos que não transcendem as meras adaptações de caminhos preexistentes. Com isso, ele deixa claro que não se trata de mudar a forma de dizer a mesma coisa, e, sim, de nos darmos conta de que a novidade no percurso da pesquisa depende do modo como nos auto-organizamos no espaço de interlocução em que a nossa pesquisa estiver inserida.

Cabe considerar, que adotar uma posição reflexiva no delineamento do método torna a pesquisa um processo de produção de ideias novas, enriquecendo tanto as construções locais do pesquisador quanto aos marcos teóricos que ele estabeleceu. Se a postura reflexiva silencia

diante desses marcos, incorremos no risco de transformar a investigação numa mera prática de aplicação de conhecimento e, não, de produção de conhecimento. Negligenciar esse aspecto tem levado à estagnação de teorias e ao reforço de uma postura submissa perante o método, criando obstáculos à expressão do pensamento criativo na pesquisa acadêmica (GONZÁLEZ REY, 2005). Sentindo-se amarrado “às formas imediatas, perceptuais, de organização das coisas”, o impulso do pesquisador é manter o pensamento em uma “confortável passividade empirista”, mal conseguindo sair do descritivo (ADES, 1994, p. 30).

Tanto para González Rey (2005), quanto para Ades (1994), a construção de teorias é um processo vivo, dinâmico, e o pesquisador precisa fazer jus a essa perspectiva. González Rey (2005, p. 34) explica que isso ocorrerá na medida em que assumirmos o papel de “núcleo gerador de pensamento” como “parte inseparável do curso da pesquisa”. O risco de estagnação consiste em optarmos pela pesquisa qualitativa sem a devida consciência epistemológica, deixando espaço para que essa adesão *prima facie* à simplificação se transforme em um mero cumprimento de protocolo acadêmico com vestes de discurso atualizado, quando, na verdade, esse discurso não se distanciou da perspectiva positivista tradicional, tornando-se, esta, o eixo subtendido que conduzirá a pesquisa.

Do ponto de vista de Ades (1994, p. 31), “pensar contra” teorias, em um primeiro momento, torna-se um “excelente exercício criativo” que pode conduzir a uma entre duas das seguintes consequências: concordar, mesmo contrariado, por força da consistência dos dados; ou descobrir lacunas e questões que precisam ser refutadas e contribuir para o progresso dos campos envolvidos. A ausência de “conflito entre o *status quo*, a ciência normal e as ideias novas e perturbadoras” contribuem para a imposição de uma “matriz normativa, em grande parte implícita”, decretada pelo “saber oficial” das ciências bem constituídas, podendo induzir à inércia do pensamento (ADES, 1994, p. 31). Sabemos que um dos problemas teóricos da ciência normal, incorporado por grande parte dos pesquisadores contemporâneos, está em usar uma teoria existente no intuito apenas de prever informações factuais para obter novas aplicações do paradigma dominante ou, simplesmente, de aumentar a precisão de aplicações que já foram feitas (KUHN, 2007).

Diferente da tarefa de um pesquisador qualitativo, tal postura reflete a tarefa do escavador arqueológico, cujo esforço empreendido demanda mais as habilidades mecânicas, de caráter puramente empírico, uma vez que implica o controle da mente no uso da razão, por ele não saber onde exatamente está o que já sabe, de antemão, que existe em algum lugar, negando o imprevisível, ignorando as emergências do percurso. A tarefa-pesquisa estará,

assim, circunscrita ao “como” descobrir significados enterrados (GNECCO, 2012), reforçando a tendência à fossilização de conhecimentos, ao entrincheiramento (STERNBERG, 1996) e ao efeito *einstellung* (LUCHINS, 1987).

Há uma tendência implícita a esta prática que remete a dois aspectos negativos, reforçando a natureza do objetivismo como epistemologia, segundo Roskams (2001): a veneração ao manual ou disposição em seguir diretrizes de forma mecânica, negligenciando a autorreflexão; e o que ele categoriza como ferramentas não pensantes, ao se referir a escavadores, retratando a apologia da técnica. Trata-se de procedimentos que tão somente expõem a pesquisa ao risco de se tornar uma prática linear. Significa pensar que os instrumentos e procedimentos estarão a serviço de encontrar um “tesouro escondido”, tornando o método uma expressão do previsível. Werneck (2006, p. 175) nos alerta para esse cuidado, quando afirma que “o homem não ‘descobre’ o conhecimento pronto na natureza, mas relaciona os dados dela recebidos constituindo os saberes”, sendo a ciência o resultado “da reflexão, do estabelecimento de relações, da observação de causas, de consequências, de continuidades, de contiguidades, de oposições”.

Concordamos que interrogar princípios metodológicos cristalizados é o que possibilita uma aproximação “dos limites e das contradições da pesquisa científica” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 3). E, imbuir-se da consciência de que a produção de conhecimento movimenta-se em torno de um processo de construção dinâmico, recursivo e ininterrupto, auxilia na orientação do pesquisador para a perspectiva de que as construções dele constituirão portas de acesso para novas construções possibilitando “avançar na criação de novas zonas de sentido” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 7).

Esta é a linha de reflexão que desenvolvemos, aqui, no intuito de pontuar aspectos essenciais para a busca de caminhos diferentes do usual e que abram possibilidades para a criatividade na pesquisa acadêmica. Não, necessariamente, algo inusitado, mas aproximações que ensejem desacomodar uma “antiga visão”, que insiste em continuar “senhora deste mundo” (NICOLESCU, 2001, p. 1). Duas das perguntas instigadoras de Nicolescu (2001, p. 1), pelas quais ele introduz o *Manifesto da Transdisciplinaridade*, se fazem mais que oportunas para validar a coerência dessa reflexão: “de onde vem este desejo perpétuo de fazer o novo com o antigo? [...] porque somos tão inventivos, em todas as situações, em descobrir todos os perigos possíveis e imaginários, mas tão pobres quando se trata de propor, de construir, de erguer, de fazer emergir o que é novo e positivo, não num futuro distante, mas no presente, aqui e agora?”.

## **A busca de novos caminhos: como torná-la congruente?**

Diferentes autores apresentam diferentes modos de classificar os métodos, conforme as perspectivas epistemológicas e teóricas defendidas por eles. E, para cada método, há técnicas e procedimentos que se adequam à determinada linha de trabalho, conforme o paradigma assumido pelo pesquisador. Assumir um paradigma implica declararmos explicitamente a linha filosófica incorporada ao nosso estudo, atitude que nos permite maior compreensão epistemológica, trazendo mais possibilidades e segurança para investirmos no diálogo com outros campos, bem como com outros tipos de conhecimento. Em contrapartida, na medida em que esse diálogo se estende, barreiras são transpostas e passamos a suscitar movimentos mais reacionários, no sentido de instigar a abertura da visão acadêmica para a busca de caminhos não percorridos. Assim, abrindo portas para a construção de conhecimentos inovadores, criamos estratégias que, por sua vez, tendem a ‘desfossilizar’ o que está consolidado como certezas e verdades absolutas na área de estudo sobre a qual nos debruçamos para investigar o objeto em questão.

Nessa perspectiva, trazemos tendências metodológicas como aproximações de uma determinada visão acerca do método-caminho. Partimos da premissa de que, se pretendermos atender a natureza plural e multidimensional de um objeto de estudo à luz do enfoque qualitativo, o primeiro passo é não restringi-lo ao monismo metodológico, postura vigorosamente combatida por Feyerabend (2011) e Habermas (1982). Habermas, assim como González Rey e De Miguel, também enfatiza a importância de resgatarmos a reflexão metodológica como alternativa de confronto à ênfase demasiada na supremacia do método científico-experimental. Significa dizer que, dependendo do modo como for empregado, o método, nesta perspectiva, tem se colocado como o supremo juiz na validação dos demais conhecimentos, inclusive daqueles que não pertencem ao campo das Ciências Naturais, lugar sobre o qual deveria se concentrar. Além disso, terminamos por descuidar dos aspectos pertinentes à relação dialética e dialógica na interação entre teoria e prática.

O delineamento do método diante do que estamos propondo, requer, antes de tudo, abertura paradigmática. Essa abertura se traduz na adoção de uma postura mais voltada para o pluralismo metodológico de Feyerabend (2011) no processo de investigação, colocando-se, ainda, sujeito à imprevisibilidade e às emergências do percurso. Afinal, defender perspectivas teóricas e metodológicas apenas para explicar e conformar os resultados da investigação sob a ótica de determinada teoria ou conjunto de teorias, não reflete a finalidade da pesquisa

qualitativa. Tampouco, a dimensão empírica de qualquer investigação deveria ser conduzida de modo a, simplesmente, buscar evidências que corroborem uma concepção ou crença já estabelecida e fixada pelas teorias existentes. Se assim o fosse, a tarefa do pesquisador se reduziria à dimensão meramente técnica de um escavador arqueológico, cuja preocupação pouco transcende a busca de uma verdade pré-existente que aguarda, passivamente, ser descoberta, já que o mundo natural possui uma existência própria que em nada depende da pessoa que estuda (GNECCO, 2012).

Entendemos que, ao vislumbrarmos a perspectiva do método-caminho, estamos argumentando que o estudo e a compreensão de qualquer fenômeno requerem, de antemão, não perder de vista a sua natureza complexa (MORIN, 2008). Em linha com esta visão, as situações são projetáveis, porém, provisórias, passíveis das emergências próprias de qualquer trajeto antes não percorrido. Por esta razão, conceber a ideia de caminho na pesquisa pode refletir diretamente uma perspectiva paradigmática sobre o método.

Ales Bello (2006, p. 21) estabelece essa conexão entre método-caminho e paradigma na própria origem da palavra caminho. Caminho é *méthodo*, palavra de origem grega composta de “*odos*, que significa estrada; *meta* significa por meio de”. Assim, desde as partes que a compõem, a palavra nos inspira a uma elaboração que sugere as bases de uma visão epistemológica e teórico-filosófica mais aberta no contexto metodológico da pesquisa. Esta visão propõe o método como um caminho, por entender que por meio dele chegaremos a um lugar almejado. O aparente caráter solipsista dessa visão pode ser eliminado se considerarmos que todo caminho, de fato, leva a um lugar. Sendo assim, a medida do rigor imposta pelas visões mais ortodoxas não está em nenhuma outra condição senão na de conceber que todo caminho, sobretudo quando o humano é objeto de investigação, está sujeito ao imprevisível, sendo imprudente acreditar que se pode definir *a priori* tudo que ocorrerá. E defendemos que está nas diferenças perceptuais da ideia que se faz sobre este *tudo*, o espaço de liberdade que permite expressar a criatividade metodológica inerente a qualquer pesquisador.

Trazendo acepções contrárias a esta, no intuito de compará-las e estabelecer fronteiras conceituais de distinção, apresentamos duas definições de Abbagnano (2003, p. 668) sobre método, sendo que ambas se assemelham a quase todas que seguem a mesma linha paradigmática. Método é tanto uma “doutrina” como um “procedimento de investigação organizado, repetível e autocorrigível, que garanta a obtenção de resultados válidos”. É possível notar que as duas sugerem que os procedimentos de investigação são passíveis de

controle rígido, ignorando a dimensão humana subjacente a, pelo menos, dois dos envolvidos: pesquisador e participante.

Na visão de Moreira (2004, p. 110) são concepções de caráter quantitativo, que visam à precisão e à certeza, e foram inventadas “principalmente para lidar com fenômenos da natureza e não com fenômenos experienciados”. Ao recomendar que na prática da pesquisa nos esforcemos para “fazer justiça aos aspectos vividos dos fenômenos humanos”, o autor faz uma crítica ao uso indevido de metodologias para investigar objetos de estudos que não pertencem ao mundo dos fatos e, portanto, não são passíveis de medidas de precisão. Estes pertencem ao mundo da experiência e como tal devem ser pesquisados.

### **Perspectivas do potencial criativo na pesquisa**

Podemos partir da hipótese de que o modo como aplicamos abordagens quantitativas ou qualitativas pode se tornar um obstáculo à criatividade na pesquisa acadêmica, gerado pelo dilema incerteza *versus* precisão. Na perspectiva de Valle e King (1978, *apud* MOREIRA, 2004), o problema refere-se a uma questão naturalmente circunscrita ao mundo da experiência, a qual deve ser examinada em duas dimensões: a *externa*, que por transitar no domínio físico e verbal concerne ao comportamento, logo, é considerada observável; e a *interna*, que pertence ao campo das emoções, das sensações, dos pensamentos, das ideias, portanto, não sendo observável, por habitar no mundo da experiência. Assim pensando, comportamento e experiência se dispõem em lados opostos, já que aquele abrange tudo que se pode ver ou ouvir ocupando o espaço da objetividade, e, esta, se mostra supostamente inacessível, porque se situa no espaço da subjetividade. Se analisarmos esses conceitos com o devido cuidado, podemos detectar que a citada dicotomia, sendo mal aplicada, pode induzir a equívocos conceituais e práticos na investigação de fenômenos humanos. O que ocorre, comumente, é investigar o que se ajustaria melhor ao mundo da experiência dando o tratamento de comportamento e, não, de experiência vivida.

Inferimos, a par disso, que a visão equivocada pode estar em explorar, na dimensão do observável, o que não é passível de observação, negligenciando justamente a dimensão que constitui o espaço legítimo dos fenômenos humanos, por natureza, complexos e transdisciplinares (MORIN, 2008; NICOLESCU, 2001; MORAES, 2008). É preciso reconhecer que observamos e até podemos medir o que faz parte do mundo físico, porém, o que pertence ao humano não é passível de controle e de precisão.

Concordamos com Japiassu (2008), quando ele faz lembrar que abordar o humano como coisa, conceber ciência como um instrumento meramente técnico, refletir de modo desvinculado do mundo da vida ou da experiência vivida, dicotomizar racionalidade e emoção são só alguns exemplos dos retrocessos herdados da razão, por meio dos quais “se enlouquece e gera os totalitarismos”, desencadeando “uma força implacável de ordem e homogeneização” (JAPIASSU, 2008, p. 3). Em consequência, surge o dogmatismo, que, por sua vez, provoca os comportamentos de ideologização, desaguando na apologia da ordem e da homogeneização, consequências que tendem a bloquear a expressão do pensamento criativo na pesquisa.

Feyerabend (2011) defende uma visão que se contrapõe à presença desses obstáculos, na medida em que orienta-nos a negar o descomedimento no uso de um conjunto de princípios que são impostos como universalmente válidos, servindo a toda e qualquer situação, como se fosse possível um método tamanho único. Um dos obstáculos é a falsa percepção de certeza e precisão a que remete o enfoque quantitativista. Isso limita a compreensão dos fenômenos humanos e reforça a zona de conforto que restringe as possibilidades de criar, ampliando a visão no sentido de construir novos conhecimentos, de ressignificar teorias fossilizadas. O autor faz uma crítica aos cientistas que, segundo ele, “não se dão por satisfeitos em organizar seus próprios cercadinhos de acordo com o que consideram que sejam as regras do método científico, mas querem universalizar essas regras” (FEYERABEND, 2011, p. 214).

Um dos caminhos que possibilitará dispor os elementos de análise de cada realidade de diferentes maneiras é o pesquisador permitir-se expressar o seu próprio potencial criativo também na pesquisa acadêmica. É necessário entender, porém, que o fato de escolher uma maneira particular de dispô-los, não significa que será mais racional ou objetiva que outra, segundo Feyerabend (2011). Podemos encontrar espaço para esta abertura assumindo e expondo de maneira clara, tanto a perspectiva epistemológica como a teórica que sustentam o estudo, mas essa postura não pode ser abandonada no momento de operacionalizar a metodologia, como costuma ocorrer. Muitas vezes nos arriscamos a ousar na descrição dessas perspectivas e de outros tópicos da pesquisa e recuamos na aplicação ao método, como se fossem instâncias isoladas e pudessem ser fragmentadas. Bericat (1998), inclusive, sugere o contrário, ou seja, que investir em novos caminhos no processo investigativo é uma decisão menos arriscada no plano metodológico. No entanto, é imprescindível “que a nova construção seja coerente e disponha de uma estrutura própria que dê ao edifício suficiente estabilidade e

funcionalidade” (BERICAT, 1998, p. 41), para que não se tornem meras “justaposições desordenadas ou absurdos grupamentos técnicos” (BERICAT, 1998, p. 56).

A capacidade de expressar e adotar atitudes e procedimentos criativos como flexibilidade, originalidade, divergência de pensamento, abertura às novas experiências, impulsividade, espontaneidade, autoconfiança, inconformismo, preferência por situações de risco, atitude visionária, dinamismo, atração pela complexidade e pela desordem e sentido de missão criativa (GUILFORD, 1989; KABANOFF; BOTTGER, 1991; PETERS, 1989; MOSS KANTER, 1997), será ampliada na medida em que buscarmos agregar procedimentos que possam levar à compreensão cada vez mais profunda do objeto de estudo, porque exige ampliar o campo de visão e dialogar com outros sistemas, outras estruturas, outros campos e tipos de conhecimento. Precisamos entender que pensar de modo flexível pressupõe a imersão e a aquisição de níveis avançados de conhecimento em domínios complexos e pouco-estruturados (SPIRO; JEHNG, 1990).

Wittgenstein (1979) explica esse fenômeno com a *teoria da metáfora da paisagem conceitual em várias direções*, cujo princípio fundamental orienta para uma análise do objeto de estudo em diferentes contextos, partindo de diferentes pontos de vista, na perspectiva de aprofundar a compreensão. Portanto, pensar com flexibilidade e acolher a multiplicidade de referenciais não significa ignorar o rigor do pensamento, e, sim, realizar articulações lógicas com base em argumentações igualmente coerentes. Quanto mais alto o nível de flexibilidade, maior a capacidade de percebermos respostas alternativas para a mesma situação transcendendo o pensamento imediato que, por sua vez, é impulsionado pelo automatismo (SPIRO; JEHNG, 1990; CHKLOVSKI, 1978; KOTHE, 1980). Assim, a tarefa criativa do pesquisador passa a ser a de conduzir a elaboração dos procedimentos e instrumentos de pesquisa abertos, de modo que propiciem adaptações compatíveis com as emergências.

Há uma estratégia que permite e estimula essa abertura para a integração de alternativas, inclusive, antagonistas, de acordo com Sandín Esteban (2010, p. 48). É a constatação de que não deve existir, *a priori*, consenso entre autores sobre uma relação direta e unívoca entre “epistemologia, perspectiva teórica, método e estratégias ou se, pelo contrário, são independentes”. Não devemos perder de vista, obviamente, a prudência e os princípios da congruência metodológica. O mais importante, contudo, é não deixarmos de estabelecer um espaço aberto de discussões sobre as diferentes possibilidades de desenvolver a metodologia, espaço este que encontraremos na perspectiva do método-caminho. Significa pensar que estaremos assumindo o desafio de ingressar numa estrada orientada por três princípios apenas:

1. A certeza de que há um lugar almejado para se chegar.
2. A certeza de que essa estrada levará a esse lugar.
3. A certeza de que todo o percurso, mesmo previamente planejado, estará sempre sujeito ao imprevisível.

### **Em busca de uma estrutura não estruturante**

Von Zuben (1995, p. 15) afirma ser “razoável” pensarmos a ciência como “meio de libertação se for sustentada por uma teoria filosófica que tente compreender o significado da atividade científica como empreendimento de um ser pensante criativo”, cuja busca segue pelo caminho da “compreensão da realidade que o envolve e com a qual está interagindo”. O apelo do autor nos chama a atenção para dois aspectos importantes: a visão de ciência como “meio de libertação” e a atividade científica como “empreendimento de um ser pensante criativo”. Diante disso, emergem dois conceitos antagonistas, os quais se complementam, quando se trata de espaço para a criatividade: o conceito de *estrutura*, alicerce prático da pesquisa; e o conceito de *flexibilidade*, pedra angular do pensamento criativo, proposto, aqui, como um suporte que deve ancorar a estrutura.

Estruturar se torna, pois, uma ação polêmica, quando nos referimos à pesquisa qualitativa, sobretudo dialogando com os fundamentos epistemológicos da complexidade e da transdisciplinaridade. Estruturar é um termo que nos reporta à ideia de criação não de pontes, mas, de paredes. Esses fundamentos, aplicados à concepção de *estrutura*, apontam para a visão da não linearidade, pois sua configuração pressupõe uma dinâmica retroativa, recursiva e de auto-organização constantes, requerendo do pesquisador predisposição para acolher as emergências na constituição e na materialização do cenário da pesquisa. A polêmica advém, neste contexto, do espectro de procedimentos fechados, inflexíveis, a que nos remete o termo.

Estrutura, portanto, está sendo designada como um componente catalisador e organizador, que permite a sincronização de várias diacronias (ECO, 1971); um elemento que servirá à integração das várias partes paralelas e contraditórias integrando os outros elementos que caracterizam a pesquisa. Por ser considerada como passível de variações a cada alteração do esquema que a sustenta, a estrutura contraria a semântica formal e é comparada, não, a um sistema fechado, mas a um sistema aberto sujeito a influências e profundas modificações. Com isso, Eco (1971) institui um paradoxo, ao atribuir, simultaneamente, um caráter de estabilidade e de provisoriedade ao conceito, admitindo, ainda, que existe um fator de

estabilidade momentânea, a partir do qual podemos identificar um conjunto variado de elementos sincronizados.

### **Método-caminho: aproximações conceituais**

Podemos descrever o método-caminho à luz da concepção complexa abordada por Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 99). Os autores a definem como estratégias “que se inventa para conhecer e conhecer-se” e para a qual “não há um programa que se possa preestabelecer totalmente o que se busca de antemão”. A possibilidade de conhecer-se pode estar na abertura que a estratégia permite, ao nos levar a repensar as estruturas rígidas do método na visão tradicional. Conforme complementam os autores, “a aventura humana tampouco tem uma rota marcada, nem se encontra sob a orientação de uma lei universal do progresso”. Lançar-se nas estruturas não estruturantes do método-caminho é lançar-se ao desafio de conceber a pesquisa como uma “aventura humana”.

Também postulada por Zambrano (1989, *apud* MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 20), a perspectiva de método-caminho corrobora a idealização de uma aventura humana ao integrar espírito e corpo e negar a desintegração do ser. A autora propõe não só “realizar o que é possível”, mas “pressentir o que é impossível”. Assim, afirma mais uma razão para concebermos que o método “emerge durante a experiência e se apresenta ao final, talvez para uma nova viagem”. Ao mesmo tempo, reafirma a importância da existência dele, quando recomenda que “a verdadeira experiência não pode ocorrer sem a intervenção de uma espécie de método”.

Nesta acepção, nos distanciamos das limitações impostas por métodos tradicionais de pesquisa e nos aproximamos das novas possibilidades de utilização criativa do método-caminho visando a alcançar uma compreensão em profundidade do objeto de estudo. É importante compreendermos, que negar a intransigência própria de visões conservadoras não significa descuidar dos critérios de rigor para dar o devido tratamento a esse objeto. No entanto, falar de critérios de rigor, muitas vezes, procede de um argumento mal adotado para impor, em nome “da ciência”, inflexibilidades, idiosincrasias frente à busca do conhecimento, desviando do projeto do investigador a dimensão do belo, do fluxo, subjacentes à desafiadora tarefa que ele está para realizar.

Partimos do pressuposto que ‘a’ ciência não é condicionante absoluto para acessarmos o caminho em busca das verdades. Podemos considerá-la, sim, apenas uma das possibilidades

de acessá-lo. A supremacia de uma visão absoluta desenvolvida ao longo de séculos, nada mais é do que o produto de uma cultura que se naturalizou encobrendo as possibilidades de relativização dos critérios de cientificidade na produção do conhecimento. Melhor dito, a dominação foi imposta a tudo que envolve a subjetividade, elemento essencial dos fenômenos de natureza complexa, induzindo à renúncia de si mesmo e tornando o sujeito submisso de uma visão de racionalidade controladora da própria liberdade de pensamento.

Portanto, discutir alternativas que sigam na rota contrária dessa cultura, é avançar na criação de novos sentidos, novas significações, para o que está posto. Como alerta-nos Nicolescu (2001, p. 2), “na falta de uma nova visão do mundo, deixar o barco correr equivale a uma autodestruição biológica potencial”.

Tal pressuposto é claro em expressar a visão de que procedimentos, estratégias e instrumentos planejados *a priori* estão sujeitos a sofrer modificações ao longo do processo. Por sua vez, a realidade que está sendo investigada não deve ser entendida somente em grande escala, já que faz sentido a ideia de que o conhecimento é construído dentro de uma perspectiva que tem nela mesma a medida para a sua própria construção (TALBOT, 1991). Expresso em poucas palavras, o método-caminho contém a medida de seu delineamento menos *a priori* e mais *a posteriori*.

Sendo assim, depois de assumirmos os pressupostos da nossa filosofia de trabalho (epistemologia, teoria e metodologia) – aqui orientada pela complexidade e pela transdisciplinaridade – devemos seguir o instinto de um artesão do pensamento. Consideramos que aí se encontra a riqueza da missão criativa do pesquisador que segue a trilha do método-caminho: realizar a aventura humana de tecer uma peça tridimensional que englobe, na prática em campo, a filosofia, a ciência e a arte, elementos oportunamente reunidos por Deleuze e Guattari (1992). Contudo, enquanto expressões que se antagonizam, filosofia, ciência e arte não devem se tornar excludentes, e, sim, distintas pela medida de prioridade e pela capacidade de articulação coerente de uma reciprocidade equivocadamente ignorada, que trazem em si (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

Morin (2008, p. 28), inclusive, nos faz lembrar que dois deles - filosofia e ciência - são definidos como “polos opostos do pensamento”. A primeira, representando a reflexão e a especulação, e, a segunda, a observação e a experiência. Apesar disso, ele também chama a atenção para a complementaridade entre esses opostos, uma vez que “as características dominantes numa são dominadas na outra e vice-versa”. Mesmo mantendo uma relação antagonizada desde a origem, as duas fazem parte da mesma “tradição crítica”, pois sempre

houve “reflexão filosófica sobre a ciência”. Na medida em que, nem a ciência escapa à reflexão e à especulação, nem a filosofia pode subestimar o valor da observação e a experimentação, está descaracterizada a existência de uma fronteira *a priori* separando as duas. Isso torna a coexistência um fator de sobrevivência para ambas. Isoladas, revelam insuficiência para “conhecer o conhecimento [...] dado o caráter multidimensional dos componentes do conhecimento e a complexidade dos problemas postos”, o que nos obriga ao desafio de manter o constante diálogo entre “a reflexão subjetiva e o conhecimento objetivo” (MORIN, 2008, p. 29).

Por sua vez, enquanto atribuem uma interpretação ao papel de cada uma dessas formas de expressão, Deleuze e Guattari (1992) situam essa reciprocidade de tal modo, que podemos contextualizá-la no sentido de tornar visível a postura requerida do pesquisador no tratamento do método-caminho em ação:



Os três pensamentos se cruzam, se entrelaçam, mas sem síntese nem identificação. A filosofia faz surgir acontecimentos com seus conceitos, a arte ergue monumentos com suas sensações, a ciência constrói estados de coisas com suas funções. Um rico tecido de correspondência pode estabelecer-se entre os planos... Cada elemento criado sobre um plano apela a outros elementos heterogêneos, que restam por criar sobre outros: o pensamento como heterogênese (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 255).

Seguindo a linha de raciocínio desses dois autores, entendemos que entre as três formas de expressão não há hierarquia nem dependência e, sim, uma interação de natureza dialógica e transdisciplinar, pois no interior de seus conceitos vislumbra-se a complementaridade entre conhecimentos, comumente, considerados distintos entre si.

Depois de estabelecido o plano conceitual do método (perspectivas metodológicas), as ciências atuam com os seus fundamentos (marcos epistemológico e teórico) delimitando o campo de referências na busca de uma unidade, porém, não uniforme, que auxilie na exploração da realidade. Por sua vez, a arte ameniza as intolerâncias, atenua os extremismos, dando formas e uma estética agradável ao solo arenoso da razão. Como caracterizam Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 24), “na perspectiva complexa, o método, para ser posto em funcionamento, precisa de estratégia, iniciativa, invenção, arte”. Deleuze e Guattari (1992) concebem que tudo converge para um ponto comum que é a ação do pensar por conceitos, pensar por funções, ou pensar por sensações (filosofia, ciência e arte, respectivamente).

Contudo, nenhum pensamento deve se pretender melhor, mais pleno, mais completo ou mais sintético do que o outro, é simplesmente, pensamento.

### **Um olhar complexo e transdisciplinar na pesquisa de fenômenos humanos**

Exercer tal prática metodológica em campo remete a perspectivas como a da multirreferencialidade (ARDOINO, 1998; BARBIER, 1992; MORAES, 2008; MORIN, 2008), uma abordagem que vai ao encontro de princípios que convergem com os da pluralidade metodológica (FEYERABEND, 2011), da triangulação (BERICAT, 1998) e da heterogeneidade (SANDÍN ESTEBAN, 2010), para sincronizarem-se em torno de uma atitude de flexibilidade diante da contribuição de diferentes referenciais. Esta visão multirreferencial representa mais uma entre as possibilidades de ilustrar a natureza da dimensão prática da pesquisa, a partir da qual estamos nos referindo.

Imbuir-se da visão de natureza multirreferencial significa transitar em um nível de consciência que considera que há, no objeto de estudo, um “vazio necessário” (BERGER, 1997, *apud* BARBIER, 1992, p. 38). Esse vazio é de tal modo profundo e complexo que se torna ainda mais difícil uma aproximação do nível de compreensão adequado, se o objeto for abordado sob a ótica de um único ponto de vista, uma única face, uma única fonte de percepção, uma única disciplina. Como assinala Berger, isso ocorre devido à “limitação recíproca dos diversos campos disciplinares” (1997, *apud* BARBIER, 1992, p. 38). Burnham (1993, p. 8) concebe essa abordagem como uma postura que “rompe com a ortodoxia da fidelidade do pesquisador a um e único paradigma epistemológico/metodológico”.

O problema fundamental consiste, portanto, em conseguirmos definir um cenário metodológico que nos possibilite adotar como critério de cientificidade, também a diversidade dos modos de interação entre o conhecimento a ser construído, a heterogeneidade, a criatividade, a multirreferencialidade, a pluralidade, entre outros enfoques que pressupõem um espírito aberto ao novo e às emergências do percurso de investigação. De maneira alguma, ao acolher as emergências, estamos admitindo a prática do improviso, como afirmam Morin, Ciurana e Motta (2003). Ao contrário disso, estimula-se o pesquisador a ir à busca do conhecimento seguindo atento e valorizando o registro do inesperado, ou seja, daquilo que emerge durante o percurso da investigação, consciente de que, muitas vezes, isso se torna visível à compreensão somente no final da trajetória. Por esta razão, esclarecem:

**[...] é impossível reduzir o método-caminho-ensaio-travessia-pesquisa-estratégia a um programa e ele tampouco pode ser reduzido à constatação de**



uma vivência individual. [...] Apenas uma visão deficiente e irrefletida pode reduzir a dimensão múltipla do método a uma atividade programática e a uma técnica de produção de conhecimento (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 23).

Afinal, assumir um percurso dessa natureza significa igualmente admitir que essas emergências, assim como a intuição e a **auto-organização** fazem parte de uma dinâmica complexa, logo, processual, característica que torna cada fim a possibilidade de um novo começo (MORAES; DE LA TORRE, 2006).

Com base no exposto, concordamos com a visão de que, se pretendermos seguir em linha com essa perspectiva, também devemos acolher a ideia de que “toda teoria dotada de alguma complexidade só pode conservar sua complexidade à custa de uma recriação intelectual permanente” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 24). Para tanto, defendemos a hipótese de que uma das estratégias para constituirmos este cenário dialógico, flexível e aberto às emergências, mantendo o diálogo amplo entre distintas fontes de conhecimento e materializando a ideia de método-caminho, consiste em adotarmos uma *atitude fenomenológica na perspectiva complexa e transdisciplinar* na construção do percurso da investigação. É preciso destacar que a expressão ‘fenomenologia complexa e transdisciplinar’, bem como a necessidade de aprofundamento de estudos nessa perspectiva, originou-se de uma preocupação de Moraes (2014, p. 1), quando a autora referiu-se a fenômenos que se expressam a partir de “uma dinâmica integradora, na qual estão entrelaçadas várias dimensões humanas, em total integração do corpo, mente e espírito”.

Na perspectiva complexa, o caminho deve se iniciar “a partir de algo e também prefigura um fim” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 23). Significa considerarmos a importância de haver uma teoria que dá sustentação ao método, porém, cientes de que ambos se confundem como “componentes indispensáveis do conhecimento complexo” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 24). Entendemos que adotar uma atitude na prefiguração deste fim, mais que a visão do método em si, propiciará a liberdade de exercitar a relação recursiva entre método e teoria e colocar em prática a possibilidade de construir novos conhecimentos a partir da regeneração da própria teoria (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003).

Sendo assim, a teoria que estamos propondo na constituição do método-caminho, **sobretudo**, porque é considerada como um dos principais paradigmas em oposição ao paradigma positivista (SACCOL, 2009), é o Interpretativismo. Além de se configurar como uma alternativa à primazia da explicação científica em detrimento da compreensão do significado e sentido dos fenômenos (SANDÍN ESTEBAN, 2010), ainda define pressupostos

que rejeitam os métodos cartesianos, os quais se caracterizam por isolar dados, hierarquizá-los e separar o sujeito do objeto, mutilando o conhecimento e desfigurando o real (MORIN, 2008). Na prática em campo, apesar de não constituirmos sua estrutura em torno do conceito de método, e, sim, de atitude, esse caminho está fundamentado, quanto à perspectiva metodológica, na Fenomenologia.

No que concerne à perspectiva complexa e transdisciplinar, a relação que estabelecemos com a Fenomenologia consiste, primeiramente, no movimento realizado pelo seu precursor, Edmund Husserl, de “transpor o fosso entre a Filosofia e a prática da pesquisa” (MOREIRA, 2004, p. 118), materializando um modo dialógico de convivência entre filosofia e ciência. Ao propor a travessia por campos de reflexão tão diferentes, por intermédio da Fenomenologia, Husserl superou o desafio de manifestar o caráter de complementaridade entre ambas, também apontado por Morin (2008). Encurtando a comunicação entre dois polos comumente considerados antagônicos e excludentes, mas que passam a ser considerados antagonistas e complementares (MORIN, 2008; MOREIRA, 2004, p. 107), a Fenomenologia promoveu o diálogo entre a ação prática da atividade científica e a natureza “meramente reflexiva” da filosofia.

Também Nicolescu (2001, p. 10) introduz essa perspectiva metodológica na transdisciplinaridade, quando reconhece a multiplicidade de enfoques da Fenomenologia e o esforço de Husserl em questionar os fundamentos da ciência, descobrindo “a existência dos diferentes níveis de percepção da Realidade pelo sujeito observador”. Todavia, apesar do pioneirismo na “exploração de uma Realidade multidimensional e multirreferencial, onde o ser humano pode reencontrar seu lugar e sua verticalidade”, Husserl, assim como Lupasco, foi marginalizado pelos filósofos acadêmicos e físicos que, “fechados em sua própria especialidade”, não compreenderam a visão abrangente, inclusiva e profunda desses dois filósofos.

Desse modo, a atitude fenomenológica na perspectiva complexa e transdisciplinar denota uma opção pela multiplicidade de tendências filosóficas que ora se misturam, ora se complementam, ora dialogam entre si, nas formas de aplicação (MASINI, 1989). Na orientação de Masini, o primeiro princípio a ser considerado, consiste em adotar uma postura de abertura e flexibilidade, desprendendo-se de conceitos e definições consolidados, o que possibilita análises e resultados menos superficiais na investigação do objeto de estudo. Para Merleau-Ponty (2006), a ideia de método adquire uma concepção mais humanizadora, uma

vez que o ser é quem constitui a fonte mais legítima de unidade da fenomenologia e o seu verdadeiro sentido.

A ausência da linearidade presente no pensamento de Husserl (2000) pode ser caracterizada como uma divisa epistemológica entre ser um guia rígido, um manual ou uma possibilidade de caminho. A riqueza dessa visão recursiva, autorreflexiva e em permanente exercício da autocrítica é que torna bela a fenomenologia e a transforma em um horizonte filosófico, ou seja, uma perspectiva de método-caminho aberto às emergências e flexível aos modos de auto-organização do pesquisador que o escolhe para sustentar suas decisões metodológicas. Este é um dos pontos fortes de aproximação e coerência epistemológica entre a fenomenologia e as perspectivas da complexidade e da transdisciplinaridade.

Trazendo uma síntese conceitual, elaborada a partir da visão de Petrelli (2004, p. 12), a fenomenologia é definida como a ciência que se dedica ao estudo dos fenômenos, tais como objetos, eventos e fatos da realidade. Concebida sob a perspectiva fenomenológica, a verdade jamais se revela em sua transparência total, e, sim, “em partes e em momentos, pois é a dúvida, e não a certeza”, que impulsiona para essa busca obstinada por encontrá-la. Moreira (2004, p. 449) ilustra essa ideia dizendo que “a verdade é um movimento em constituição, não um estado”. Por sua vez, concebida à luz da linguagem poética de Carlos Drummond de Andrade, buscamos uma verdade construída, ajustada aos limites da interpretação, cujos processos de construção passam pela linguagem e se manifestam conforme o nível de obstinação, a profundidade da ilusão e o grau de miopia de cada pesquisador, de cada participante:

A porta da verdade estava aberta, / mas só deixava passar meia pessoa de cada vez. / Assim não era possível atingir toda a verdade, / porque a meia pessoa que entrava / só trazia o perfil de meia verdade. / E sua segunda metade / voltava igualmente com meio perfil. / E os meios perfis não coincidiam. / Arrebataram a porta. Derrubaram a porta. / Chegaram ao lugar luminoso / onde a verdade esplendia seus fogos. / Era dividida em metades / diferente uma da outra. / Chegou-se a discutir qual a metade mais bela. / Nenhuma das duas era totalmente bela. / E carecia optar. / Cada um optou conforme / seu capricho, sua ilusão, sua miopia (ANDRADE, 1985, p. 41).

A fenomenologia possibilita a abertura para a ação, se apoia no caráter de inacabamento, de movimento constante, de dinamicidade que a atitude fenomenológica proporciona. Isso nos permite o aprofundamento na essência dos fenômenos muito mais do que se estivéssemos entrincheirados no conceito rígido de método. Rojas e Baruki-Fonseca

(2009) materializam em poucas palavras a essência da atitude fenomenológica, quando assim a definem:

A Fenomenologia sugere um movimento de ir e vir. Proporciona o entrelaçamento de ideias, pensamentos, estudos e conhecimentos que busquem constantemente o desvelamento daquilo que se apresenta da vivência, do real, do mundo vivido. Propõe um constante recomeçar, induz uma problemática, está sempre em um estado de aspiração para se deixar praticar e reconhecer-se como estilo, como movimento (ROJAS; BARUKI-FONSECA, 2009, p. 55).

Paradoxalmente, esse movimento de ir e vir não denota instabilidade ou ausência de consistência e de rigor científico, mas um caráter de recursividade que torna o enfoque fenomenológico uma proposta de reflexão exaustiva e também uma vertente da epistemologia da complexidade, de Edgar Morin e colaboradores e da metodologia da transdisciplinaridade, de Nicolescu. Ao mesmo tempo, se introduz nos pressupostos do círculo hermenêutico, de Heidegger (2010) e Gadamer (2009), na medida em que nos propõe um recomeçar constante, atitude que gera indefinidamente novas compreensões.

Analisando do ponto de vista da criatividade na pesquisa acadêmica, Ades (1994, p. 28) lembra-nos que “a tarefa criativa não pode ter resultados previsíveis e não pode ser programada, como se programa a construção de uma ponte”, pois o “esforço puro não é garantia de originalidade”. Significa pensar que a busca da verdade pelos métodos aparentemente mais seguros e precisos, mesmo consubstanciados por consideráveis suportes teóricos, pode não assegurar, de fato, que a resposta para o problema seja original ou estabeleça um fundamento seguro ao conhecimento. Apesar de o método também incluir a “precariedade do pensar e falta de fundamento do conhecer” (MORIN; CIURANA, MOTTA, 2003, p. 24), não devemos confiar e nos restringir à emersão de *insights* criativos ou às emergências. É preciso desacomodar-se e rejeitar o risco de cair no vazio teórico, conceitual, intelectual ou prático.

Nessa perspectiva, Ades (1994, p. 28) nos sugere exercitar a “*descentração* do pensamento” visando a uma “mudança necessária do ângulo de abordagem”. Podemos buscar essa mudança, repensando alternativas paradigmáticas. Para tanto, Paul (2005) enfatiza que “os revezes existem [...] e o reducionismo se revela impotente para resolvê-los” (PAUL, 2005, p. 77), situação em que ele nos sugere cogitar, inclusive, mudança de paradigma. No contexto do qual estamos tratando, quando as nossas estratégias tomam o curso da estagnação devido a visões reducionistas, muitas vezes, inerentes à própria natureza da ‘carreira solo’ do

pesquisador, concordamos com Paul (2005, p. 77) ao reconhecer a transdisciplinaridade como uma maneira de “tentar regar uma anomalia” do sistema vigente.

Trazendo breve referência ao núcleo do pensamento transdisciplinar, observemos que, em determinados e vários momentos da prática da pesquisa, somos provocados a ampliar a visão constituída dos conhecimentos e procedimentos que envolvem o nosso objeto de estudo, para buscar uma “terceira possibilidade”. Deparamo-nos com dois sentidos na estrada: escolher adotar o padrão e incorrer no risco de não inovar e somente reproduzir o que está posto, ou romper o segundo axioma da lógica clássica, que é o axioma da *não-contradição*. Significa compreendermos que, nesses momentos emergentes, ajudará a não fossilizar o conhecimento a ser construído e aplicá-lo eficientemente, se reconhecermos que existe a lógica contrária à clássica “com vários valores de verdade no lugar daquela do par binário (A não é não-A)” (NICOLESCU, 2001, p. 13) e “um terceiro termo T que é ao mesmo tempo A e não-A” (p. 14).

Esta lógica do pensamento transdisciplinar nega o pensamento por escala (BINNIG, 2006) e a instituição de gaiolas epistemológicas (MORAES, 2012; D’AMBRÓSIO, 2011). D’Ambrósio nos orienta a romper o paradigma de que aqueles que detêm o conhecimento no mundo acadêmico devem se manter “como pássaros vivendo em uma gaiola: alimentam-se do que lá encontram, voam só no espaço da gaiola, comunicam-se numa linguagem só conhecida por eles, procriam e repetem-se” (D’AMBRÓSIO, 2011, p. 7). Vivendo assim, os pássaros somente veem e sentem o que as grades permitem.

O problema com o qual nos deparamos na trajetória da pesquisa consiste no uso de procedimentos fechados e fragmentados para a investigação de problemas complexos. Geralmente, os métodos tradicionais seguem a lógica linear subjacente ao que poderíamos chamar de ‘repertório de procedimentos-padrão’. Diante disso, somos tentados a permanecermos na zona de conforto e investigarmos somente para conformar os resultados encontrados às teorias existentes.

Por fim, integrando aspectos comuns ao pensamento de Heidegger (2010), Masini (1989), Feyerabend (2011), Morin (2008), Santos (2008), Stein (1983), Crotty (1998), quanto a assumirmos uma atitude fenomenológica na perspectiva complexa e transdisciplinar, emergem alguns princípios pelos quais devemos embasar o caminho metodológico: ruptura com a polarização do debate sobre o método; superação da lógica que separa sujeito e objeto; negação da visão linear de que existe “o” ou “um” método; transposição da mera descrição de forma passiva para a interpretação e compreensão em profundidade; busca de sentido e

significado que emergem da situação, sem deixar-se restringir por modelos; manter-se sempre aberto a novas interpretações, uma vez que “toda resposta só guarda sua força de resposta enquanto permanecer enraizada no questionamento” (HEIDEGGER, 2010, p. 179); não limitar-se pelos referenciais, conceitos e definições pré-fixados, mas fundamentar o modo de análise dos fenômenos pelo processo indutivo, por entender que o processo de compreensão se constrói à medida que os dados são gerados e vão constituindo suas partes no todo; romper com os efeitos do automatismo provocados pelo uso irrefletido de repertórios de procedimentos ‘tamanho único’, hábito que contribui para fossilizar uma linguagem tomada por garantida.

### **Uma pausa na reflexão**

Tendo em vista os aspectos apresentados, damos uma pausa na reflexão retomando o que nos lembra de González Rey (2005): a pesquisa deve ser um momento dedicado à produção de conhecimentos, ao confronto e desenvolvimento de novas teorias, à inovação metodológica. E, para tanto, deve ser baseada em um processo que exige flexibilidade e abertura plena para mudar as próprias ideias e abstrair toda a riqueza e plasticidade do fenômeno subjetivo. Imergir a esse nível de profundidade exige-nos a atitude de abrir mão de tudo que estiver consolidado, pois o que está fossilizado se transforma em uma barreira quase intransponível para a expressão da criatividade na pesquisa acadêmica.

Todos os passos nesta direção, entretanto, devem ser empreendidos, não no sentido linear, conforme propaga o método tradicional, mas num sentido de ir-e-vir constante, reinterpretando e compondo novas compreensões. Trata-se de um movimento que se dá na perspectiva da recursividade e da ecologia da ação (MORAES, 2008), para romper com a visão de que esse retorno (o ‘vir’) seja uma ação meramente repetidora. É um retorno que, na visão de Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 22), “não poderá ser um círculo completo”, porque o círculo não pode se fechar.

Os resultados do ir-e-vir, criativamente, na trajetória da pesquisa emergem de uma ação ecologizada, fenômeno que denota a quebra do determinismo vinculado à ideia de repetição (MORAES, 2008, p. 107). Neste caso, a ação “escapa à vontade daquele que a produziu e entra num circuito contínuo de inter-relações e retroações que varia em função dos resultados que vão sendo produzidos”. Portanto, inexistente a correspondência linear entre um movimento e outro feito pelo pesquisador para retornar a etapas anteriores, pois “algo sempre acaba

interferindo” levando-o a “desviar-se” e fazendo com que incorpore “novos sistemas de inter-relações não previstas que emergem no processo”.

Seguir na trilha do método-caminho exige rigidez e flexibilidade, autonomia e dependência, todos dosados na medida de abertura do nosso caminhar, o qual não pode se dá de modo absolutamente solitário, mas solidário. É um caminhar, como descreve Nietzsche (*apud* MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 22), que deve se desenvolver como um “viajante sem direção [...] que encontra seu prazer na mudança e em sua paisagem [...] passará noites ruins e se sentirá cansado, encontrará fechada a porta da cidade, ouvirá rugir as feras do deserto enquanto um vento gelado castigará seu corpo”, mas não cederá ao impulso de manter o *status quo* do caminho padrão.

A quebra da linearidade, por sua vez, é orientada pelo princípio da recursividade que aciona a “natureza autopoietica”, “autoprodutora” (MORAES, 2008, p. 100) do pesquisador voltando a alimentar sua capacidade criativa de enriquecer a visão anteriormente elaborada. Significa dizer que um processo recursivo não pode ser linear, porque um lado altera o outro simultaneamente por meio das influências de um e de outro na qualidade daquilo que ambos estão articulando.

Ilustrando essa dinâmica à luz de Moraes, cada vez que o pesquisador recorrer à busca dos referenciais, se depara com aspectos novos que vão implicar a sua próxima interpretação da realidade. Esta, por sua vez, também será transformada, porque vivenciará o encontro entre a visão de um (pesquisador) e de outro (pesquisado) que entra em um circuito de inter-relações e retroações. É o que podemos chamar de retorno produtivo, já que decorre de uma dinâmica realizada em um círculo que não se fecha, ou seja, uma espiral em movimento constante. Visualizamos um movimento semelhante à metáfora do círculo hermenêutico (MORÃO, 1990), cujo princípio orienta que “cada nova experiência é uma experiência que nasce sobre o fundo das anteriores e a reinterpreta” (REALE; ANTISERI, 1991, p. 628). É esta a dinâmica criativa da pesquisa. Criativa, porque mantém o círculo em constante movimento de renovação, de reconstrução, de resignificação, de inovação.

Para tornar mais clara as concepções, para as quais tentamos despertar com esta reflexão, procuramos reconstituir os fios que a teceram sintetizando os pontos principais do texto em quatro princípios essenciais, pelos quais devemos nos embasar para construir e trilhar o caminho metodológico. Procuramos ilustrar a visão de um tecido, de modo que expressasse a imagem de abertura progressiva, serena, como um espiral em túnel que vai se estendendo à medida que nos dispomos a manter abertas mente (razão) e coração (emoção). É

o fruto de uma disposição impulsionada por convicções e sentimentos a respeito de ações de atração e de rejeição que contribuem para determinar escolhas em relação ao tratamento de um objeto de estudo. O passo essencial para desenvolver esses princípios é não restringir-se ao monismo metodológico, respeitando, portanto, o caráter multirreferencial e multifacetado dos fenômenos complexos. Os demais passos é seguir construindo, possibilitando e manifestando o que segue.

(1) **Abertura Paradigmática.** É um princípio fundamental que nos permite acessar as condições necessárias à expressão da criatividade metodológica e manter o espaço aberto para buscar as diferentes possibilidades de desenvolver a metodologia escolhida. Abrir-se a perspectivas paradigmáticas distintas sensibiliza a mente e nos torna suscetíveis a acolher a imprevisibilidade e as emergências do percurso na constituição e na materialização do cenário da pesquisa, sem o temor de experimentar novas possibilidades, de receber e sofrer transformações. Além disso, torna-nos sensíveis e aquiescentes ao potencial criativo que é subjacente à dimensão humana, também operante na pesquisa acadêmica. Aquiescência é um conceito que está sendo adotado no sentido de consentir, de não impedir a ação de algo que existe e pode contribuir, neste caso, referindo-se aos obstáculos que são comuns à expressão da criatividade.

(2) **Diálogo.** A abertura paradigmática induz à predisposição para dialogar com outros sistemas, outras estruturas, outras áreas e tipos de conhecimento, levando-nos a ampliar o campo de percepção da realidade, a partir da contribuição de diferentes referenciais. Consiste em um princípio que nos torna suscetíveis às influências do outro e do ambiente e a profundas modificações.

(3) **Estrutura Flexível.** A abertura paradigmática e a predisposição para o diálogo levam-nos a buscar estruturas flexíveis à integração das implicações entre realidades que se mostram simultaneamente solidárias e conflitivas, elementos característicos da pesquisa na perspectiva complexa e transdisciplinar. Em decorrência disso, o conjunto de procedimentos e instrumentos será aberto o suficiente para realizarmos as adaptações compatíveis com as emergências e, por sua vez, integrar a prática (ciência) e a reflexão (filosofia) em parceria epistemológica, negando a desintegração e a fragmentação.

(4) **Espírito aberto ao novo.** A abertura paradigmática, o diálogo e a construção de estruturas flexíveis seguem num *continuum* tornando-se, ao mesmo tempo, características e condições para desenvolvermos um espírito aberto ao novo, capaz de seguir atento e valorizar o registro do inesperado.

Finalmente, compreendemos, no que tange ao método-caminho, desenvolvido à luz de uma fenomenologia na perspectiva complexa e transdisciplinar, que nenhum processo interpretativo pode ser conclusivo, pois na pesquisa fenomenológica, com aporte na complexidade e na transdisciplinaridade, não deve haver conclusão (FINI, 1997). Um dos fundamentos para esta concepção é pensarmos que o fenômeno pesquisado é sempre “perspectival”, ou seja, o pesquisador “constrói resultados a partir da interpretação, o que significa transcendência”. Em outras palavras, estaremos sempre realizando uma “reflexão sobre a própria reflexão” (FINI, 1997, p. 31), em busca da essência de um fenômeno que se conserva aberto a novas interpretações, novas descobertas, novas compreensões, possibilitando o avanço nos níveis de realidade. Esta é a visão que define a abertura para alcançarmos a expressão da criatividade, da complexidade e da transdisciplinaridade na pesquisa acadêmica.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ADES, C. Notas sobre a criatividade em pesquisa. In: **Temas em Psicologia**, n. 3, 1994.
- ALES BELLO, A. **Introdução à fenomenologia**. Tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Educs, 2006.
- ANDRADE, C. D de. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- ARDOINO, J. **Abordagem multirreferencial**: a epistemologia das ciências antropossociais. Palestra proferida na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.
- BARBIER, R. **L'Approche transversale**: sensibilization á l'ecoute nythopoetique en education. Paris: Université de Paris VIII, 1992.
- BERICAT, E. **La integración de los métodos cuantitativo y cualitativo en la investigación social**. Barcelona: Ariel, 1998.
- BINNIG, G. O processo criativo. In: **Deutschland**, 2006. Disponível em: <<http://www.fractal.org/Bewustzijns-Besturings-Model/Fractal-Darwinism.htm>>. Acesso em: mai. 2013.

- BURNHAM, T. F. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. In: **Em Aberto**, Brasília, ano 12, n. 58, abr/jun, 1993.
- CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: EIKHENBAUM, B. et al. **Teoria da literatura: formalistas russos**. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.
- KOTHE, F. Narrativa trivial, estranhamento e formalismo. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 39, pp. 58-78, 1980.
- CROTTY, M. **The foundations of social research: meaning and perspective in the research process**. Sage Publications, 1998. Disponível em: <http://kakali.org/edld6384/8561/readings/crotty%20chapter%201.pdf>. Acesso em jan. 2013.
- D'AMBROSIO, U. A transdisciplinaridade como uma resposta à sustentabilidade. In: TERCEIRO INCLUÍDO, NUPEAT–IESA–UFG, v.1, n.1, jan./jun, p.1–13, 2011.
- DE MIGUEL, F. M. D. Paradigmas de a investigación educativa española. In: Dendaluce, I (Coord.). **Aspectos metodológicos de la investigación educativa**. Madri: Narcea, p. 60-77, 1988. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1213620>. Acesso em fev. 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- ECO, U. **A estrutura ausente**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 2. ed., 2011.
- FINI, M. I. Sobre a Pesquisa Qualitativa em Educação que tem a Fenomenologia como suporte. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. **Pesquisa Qualitativa em Educação**. 2ª Ed. Revista. Editora UNIMEP, pp. 23-33, 1997.
- GADAMER, H-G. **Hermenêutica em Retrospectiva**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo, Cortez, 2008.
- GNECCO, C. “Escavando” arqueologias alternativas. In: Revista de Arqueologia, v. 25, n. 2, pp. 08-22, 2012.
- GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2005.
- GUILFORD, J.P. La creatividad: retrospectiva y prospectiva. In: Sabag, A. (Org), **Creatividad**. Universidad del Valle de México, México, 1989.
- HABERMAS, J. **Conocimiento e interés**. Madri: Taurus, 1982
- HEIDEGGER, M. **A Origem da Obra de Arte**. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

JAPIASSU, H. **A crise da razão no ocidente** (2008). Disponível em: <www.sinergia-spe.net/editorialeletronica/autor>. Acesso em: jun. 2014.

KABANOFF, B.; BOTTGER, P. Effectiveness of creativity training and its relation to selected personality factors. In: **Journal of organizational behavior**, n. 12, pp. 235-248, 1991.

KUHN, S. T. **A estrutura das revoluções científicas**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LUCHINS, A. S. Einstellung effects. In: **Science**, [S.L.], v. 238, n.4827, p. 598, Out, 1987.

MASINI, E. **O Enfoque Fenomenológico de Pesquisa em Educação**. 1. ed., São Paulo, Cortez, 1989.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORAES, M. C. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação, novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**. São Paulo: Antakarana/Willis Harman House, WHH, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Paradigma Educacional Emergente**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2012.

\_\_\_\_\_. Criatividade como expressão de uma fenomenologia complexa e transdisciplinar. In: **Congresso Barcelona**, julho, 2014.

MORAES, M. C.; TORRE, S. de La. Pesquisando a partir do pensamento complexo: elementos para uma metodologia de desenvolvimento ecossistêmico. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 29, n. 58, p. 145-172, 2006.

MORÃO, J. Logos. In: **Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia**. Lisboa: Editorial Verbo, 1990.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MORIN, E. **O método 3: conhecimento do conhecimento**. Tradução Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORIN, E.; CIURANA, E-R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**. O pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo, Cortez Editora, 2003.

MOSS KANTER, R. **Quando os gigantes aprendem a dançar**. Campus, Rio de Janeiro, 1997.

PAUL, P. Transdisciplinaridade e Antropofomação: sua importância nas pesquisas em saúde. In: **Saúde e Sociedade**, v.14, n.3, p.72-92, set-dez 2005.

- PETERS, T. **Prosperando no caos**. Harbra, São Paulo, 1989.
- PETRELLI, R. **Fenomenologia**: teoria, método e prática. Goiânia: UCG, 2004.
- REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- ROJAS, J.; BARUKI-FONSECA, R. A fenomenologia na prática educativa: uma leitura da arte no desenho infantil como linguagem. In: RIGOTTI, P. R. (org.). **UNIARTE: textos escolhidos**. Dourados, MS: UNIGRAN, pp. 55-73, 2009.
- ROSKAMS, S. Excavation. In: **Cambridge Manuals in Archaeology**. Cambridge University Press, 2001. Disponível em: <http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam031/00040376.pdf>. Acesso em mar. 2014.
- SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. In: **Rev. Adm. UFSM**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 250-269, maio/ago. 2009.
- SANDÍN ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Tradução de Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- SANTOS, A. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.
- SPIRO, R.; JEHNG, J. Cognitive flexibility and hypertext: theory and technology for the non-linear and multidimensional traversal of complex subject matter. In: D. Nix; R. Spiro (eds.), **Cognition, Education, and Multimedia**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1990.
- STEIN, E. **A questão do método na filosofia. Um estudo do modelo heideggeriano**. Porto Alegre: Movimento, 1983.
- STERNBERG, R. J. Costs of expertise. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **The road to excellence**. The acquisition of expert performance in the arts and sciences, sports, and games. Mahwah, NJ, USA: Erlbaum, pp. 347-354, 1996.
- TALBOT, M. **O universo holográfico**. 2. ed. São Paulo: Best Seller, 1991.
- VON ZUBEN, N. A. A relevância da iniciação à pesquisa científica na universidade. In: \_\_\_\_\_. **Proposições**, Campinas/SP, vol. 6 nº 2 [17], 5-18, jun. 1995.
- WERNECK, V. R. Sobre o processo de construção do conhecimento: O papel do ensino e da pesquisa. In: **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 51, p. 173-196, abr./jun. 2006.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).